

Black Wings

©2018. Raquel Alves

Todos os direitos reservados.

Produção, Diagramação e Capa: Raquel Alves

Revisão: Raquel Alves

Catálogo na Publicação (CIP)
Ficha catalográfica feita pela autora

A474b Alves, Raquel.
 Black Wings- Livro I / Raquel Alves. – 2. ed. – Juazeiro
 do Norte, CE: Edição do autor, 2018.
 (Black Wings; v. 1)
 358 p. : il.

ISBN: 978-65-00-18287-3

1. Romance Sobrenatural. 2. Anjos- Ficção. 3. Drama. 4.
Literatura Brasileira. I. Alves, Raquel. II. Título. III. Série.

CDD: B869.93
CDU: 821.134.3(81)

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem autorização prévia do autor. Todos os direitos estão devidamente registrados.

DEDICATÓRIA:

Novamente nos reencontramos, caro leitor. E fico feliz por ter escrito esse romance para você. A princípio, não poderia deixar de agradecer as pessoas mais adoráveis e que se dedicaram para que eu tivesse uma boa educação: meus pais. Agradeço as pessoas que direta ou indiretamente também me ajudaram a seguir essa carreira literária.

SUMÁRIO:

Prólogo.....07

Uma rosa para o amor (Parte I)

Capítulo 1: Bem-vindos a Coldland.....09

Capítulo 2: A chuva.....21

Capítulo 3: O 1º encontro.....34

Capítulo 4: A briga.....47

Capítulo 5: Sábado.....59

Capítulo 6: Ullieh.....72

Capítulo 7: Sentimentos que se cruzam.....87

Capítulo 8: Que os jogos comecem!.....101

Capítulo 9: Conversas.....117

Capítulo 10: Perseguição.....121

Capítulo 11: O policial Richard.....146

Lágrimas de Sangue (Parte II)

Capítulo 12: O bilhete.....	158
Capítulo 13: A fuga.....	173
Capítulo 14: Nas mãos ensanguentadas- Parte 1.....	189
Capítulo 15: Nas mãos ensanguentadas- Parte 2.....	206
Capítulo 16: Viagem.....	223
Capítulo 17: Um passo para a verdade- Parte 1.....	240
Capítulo 18: Um passo para a verdade- Parte 2.....	256

Amor imortal para os condenados (Parte III)

Capítulo 19: Você perderia sua alma por amor?.....	271
Capítulo 20: Vingança.....	287
Capítulo 21: A banca julgadora celestial.....	303
Capítulo 22: Confissões de um coração quebrado.....	317
Capítulo 23: Decisão final.....	330
Capítulo 24: Que vença o sentimento mais poderoso.....	344

Epílogo: Nas sombras de seu coração, eis que surge a esperança.....	354
--	-----

PRÓLOGO:

O amor é o sentimento que rege a vida, não há dúvida disso. Quem nunca se apaixonou pelo cara mais estranho do planeta? Uma jovem chamada Ávila, deixou-se ser tragada por esse desejo, ao ver pela primeira vez o enigmático Ullieh. Ávila permitiu que as portas do seu coração acolhessem esse sentimento, visto que quando criança, sofrera uma grande decepção amorosa, que transformou-se em um trauma. Agora em Coldland, ela terá uma oportunidade de ser feliz. Será que essa pobre criatura terá a chance de refazer sua vida? Por que Kate, a garota mais popular de Coldland, insiste em transformar sua vida em um inferno? Quem é o policial Lin e o que ele sente por Ávila? Quem é o jovem de vestes negras, tão enigmático e sedutor? E a pergunta que não quer calar: Você perderia sua alma por amor? Uma história surpreendente, que mescla romance, drama, preconceito e morte.



Capítulo 1: “Bem-Vindos a Coldland”

Era uma noite silenciosa e fria. O relógio bateu meia-noite e um calafrio passou pelo meu corpo. Não era a noite que eu temia. Eram as expectativas da nova escola que eu mais temia. Tudo novo, pessoas novas, mentiras novas... Decidi que era melhor dormir e espantar os medos só por hoje, porque amanhã começaria um novo dia. E toda noite, eu rezava para que realmente fosse um novo dia, mas cada dia parecia repetir as mesmas histórias de antes. Era como se a fita cassete de minha vida não tivesse fim e isso me matava...

Tentei contar carneirinhos, mas não adiantou. Então, como uma ninja, me levantei da cama e fui para a cozinha, assaltar a geladeira. Quando eu ficava nervosa, eu comia muito, porém a genética de meu corpo me ajudava a não refletir os resultados de minha impaciência e nervosismo.

“Droga de tempo que não passa! Ou melhor, por que não para nesse exato momento e me congela, congela somente a minha vida?” Acho que estava sendo extremista demais. Um riso baixinho escapou, enquanto eu comia o meu quarto pacote de batatas fritas. Sentei-me no sofá, e, como um passe de mágica, adormeci livre de todos aqueles pensamentos que me impediam de sonhar.

“Ei, dorminhoca, é hora de acordar.” Eu praticamente pulei do sofá da sala, deixando à vista, as provas de meu crime de ontem à noite: sacos e restos de batatas fritas no sofá.

“Você sabe que é proibido comer besteiras durante a madrugada, mocinha...”, disse minha mãe.

“Eu...”

“Não invente mentiras, você não é boa nisso. Vá se arrumar para ir à escola. Faça como a sua irmã **Tessy** que já está arrumada.” Me espreguicei e forcei um sorriso, que não saiu natural. Minha irmã fez uma careta e foi para a rua desfilando o seu novo modelito. Tomei um rápido banho, vesti meu moletom azul e uma calça jeans básica. Comi meus cereais com leite, peguei a mochila e fui com minha irmã para a parada de ônibus, que ficava algumas quadras de onde morávamos.



Coldland era uma cidade pequena, mas acolhedora. Nossos novos vizinhos me pareciam pessoas bem legais e nos receberam de braços abertos... Braços abertos... Comecei a suar frio, receosa da recepção que meus “novos colegas” fariam. Eu não sou boa em fazer amigos, acho que o problema não sou eu. Não sei explicar qual seria o motivo do repúdio que a maioria das pessoas sentiam por mim. Já estava acostumada a viver na solidão, mergulhada em livros ou assistindo algum programa de TV idiota. Essa era a minha vida. Meus pensamentos foram interrompidos pelo barulho que o pessoal fazia no ônibus que parou na nossa frente. Eles pareciam detectar os rostinhos das novatas... e principalmente de novatas assustadas... Quer dizer,

só havia eu.... Tessy parecia não se importar com os olhares. Subimos no ônibus e as pessoas não paravam de nos olhar e cochichar. As cadeiras estavam ocupadas com livros e mochilas, mas um rapaz cedeu o seu espaço para que minha irmã sentasse. Eu fingia que não estava nem aí, aparentemente apreciando a paisagem, enquanto o garoto flertava com minha irmã.

“Ei gatinha, como você se chama?”

“Tessy, e você?”

“**Noam**. Prazer em te conhecer. É o seu primeiro dia de aula, não é?”

“Sim. Estou super entusiasmada. Conhecer novas pessoas significa novas experiências para mim. Eu não sou tão antissocial como a minha irmã aí.” Tessy apontou o seu dedo na minha direção. Eu tentei sorrir, mas eu estava muito envergonhada com aquela situação. Eu percebi que ela falava mal de mim para o desconhecido, ou seja, Tessy já começava a me “queimar” antes do tempo.

“Ela nem parece ser a sua irmã. Você é muito mais bonita.”

“É o jeito estranho dela que espanta os garotos.” Agora a conversa mudava de rumo. Críticas e mais críticas aumentavam a teia de aranha que minha irmã construía com a ajuda de seu amiguinho Noam. Para evitar uma briga em pleno 1º dia de aula, resolvi ouvir música e deixar o tempo passar. Enquanto ouvia música, eu adormeci e quando o motorista freou, eu só não voei ônibus à fora, porque acordei e rapidamente pude me segurar na

cadeira do motorista. Todos ficaram zoando da minha cara. Era o meu 1º ‘Mico Oficial em Coldland’. Minha irmã nem ligou para mim, e mantinha o ritmo de sua conversa com Noam tranquilamente.

“Chegamos querida. Qual é a sua turma?”

“É a 163.”

“Não se preocupe. Eu me comprometo em ser o seu guia turístico da **High Scool Coldland**.”

“Ei, Vilinha, tchau, maninha querida.” Agora foi que Tessy percebeu que eu também estava no ônibus? Meus olhos ultra penetrantes foram a única resposta que ela obteve. Como ela pode ser tão falsa, tão cara de pau? Ela fala mal de mim na minha frente, ‘queima o meu filme’ no ônibus, ri do meu mico e ainda tem a audácia de fingir que tudo está bem?

“Droga! Tudo isso é uma droga!” Eu resmungava baixinho quando uma garota me empurrou. Só me faltava essa...

“Ei garota, saí do meio, porque **Kate White** vai passar e você está bloqueando o espaço.” Eu queria ter dito ‘Eu não sabia que ela ocupava tanto espaço assim. Talvez eu precise perder alguns quilinhos ou você precisa usar óculos’, mas como sempre, a covardia é o meu ponto forte. Simplesmente eu me afastei e fui localizar o meu armário.

“Olá novata. Não liga para a **Suse**. Ela vive feito um cachorrinho, fazendo tudo que a 1ª dama Kate White manda. Pobre coitada! Ela sonha que um dia Kate vai colocá-la no

grupo de Líderes de Torcida... Aliás, meu nome é Lili. **Lili Curteeman.**”

“Legal. Meu nome é Ávila.”

“Você é daqui?”

“Não. Sou de **International Falls**. Nos mudamos devido ao trabalho de meu pai. Ele foi nomeado xerife dessa cidade.”

“Seu pai é o xerife? Nossa, que irado! Você pode fazer tudo que for de ilegal e não ser presa!”

“Se você diz, quem sou eu pra dizer que não?”

“Qual é a sua turma?”

“Sala 261. 1ª aula: História”.

“Isso é uma baita coincidência! Eu também sou da turma 261. Acho que seremos boas amigas!”

“Ok... Caso não se importe, eu poderia ficar um minutinho sozinha? Eu preciso fazer uma ligação muito importante.”

“Certo, sem problemas. Eu só vou ficar ali no corredor. Fico te esperando.”

“Ok.” Nossa! Essa menina estava me sufocando ou talvez eu estivesse impressionada por, pela 1ª vez, alguém querer ser minha amiga, sem nem me conhecer direito? Ela me

parecia ser uma pessoa legal, que assim como eu, também era excluída do ‘mundo social’ e como era o início do ano escolar (nas High School dos EUA, geralmente as aulas começam em agosto ou setembro), ela precisava se aliar a alguém para não começar o ano escolar tão excluída assim. Fui ao banheiro, para tentar arrumar o meu cabelo selvagem, que parecia a juba de um leão. Cansei de lutar contra ele e no final tive que prendê-lo. Pensei em tirar os óculos para ver se talvez mudaria alguma coisa, mas eu não iria conseguir enxergar nada, então era melhor evitar uma ‘Topada Espetacular’ e acabar caindo no Youtube como ‘O mais novo mico de **Ávila Kurts**’.

“Ei novata, aqui, aqui.” Eu acenei de volta e fui em sua direção. Entramos na sala e todos me olhavam atravessado, principalmente porque eu sentei ao lado da estranha Lili, tão estranha quanto eu.

“Acho que se você estivesse vestida melhor e soltasse esse cabelo, ficaria mais engraçadinha.”

“Obrigado pela parte que me toca em seu comentário.”

“Eu não quis te ofender, de jeito nenhum. Só acho que você tem potencial, quer dizer, eu consigo enxergar além de sua alma e vejo que você é muito mais do que aparenta ser. Parece que tem medo de tirar essa máscara e mostrar quem é realmente.”

“Dá pra parar, Lili? Senão eu vou sentar em outro lugar. Você fala demais e quando liga esse botãozinho, não desliga mais.” A porta foi aberta abruptamente, e eis que surge a professora responsável pela 1ª aula.

“Ok, alunos, a festa acabou. Eu sou **Mary William**, sua professora de História. Alguns já me conhecem, outros não... Bem, temos aqui uma celebridade entre nós. A filha mais velha do nosso xerife **John Kurts**. Como se chama, querida? Eu me lembro que a mais novinha é a Tessy, mas o seu nome, eu não consigo lembrar....”

“Eu também não consigo lembrar do seu nome.” Saiu essa ‘indireta’ e eu não me arrependi. Os alunos zoaram da professora, dizendo ‘Vai de novo’, mas ela não se importou. Apenas sorriu para mim, um sorriso mais falso do que o da minha irmã quando eu perguntava “Essa roupa está boa?”...

“Ok. Vamos começar a aula de hoje falando sobre a Revolução Americana de 1776.”

“Sim senhora!” Responderam os alunos em um coro estridente. Quando todos saíram, a professora Mary agarrou o meu braço com força e sussurrou em meu ouvido:

“Não faça mais gracinhas, senhorita Kurts. Não tente me desmoralizar na frente de meus alunos. Quando eu fizer uma pergunta, apenas responda. Seja clara e direta.”

“Desculpe, se é isso que você quer ouvir.” Enquanto ela me repreendia, a ‘Miss Coldland’ entrou na sala.

“Ah! A mosca morta é dessa sala, Suse...” Falou Kate para a sua amiguinha. Mary virou-se para as duas e desferiu um sermão pior do que o meu.

“Senhoritas White e McLack... Por que vocês faltaram à aula hoje?”

“A minha falta é justificada, senhora William. Estava em uma reunião para selecionar as novas meninas para o meu grupo de líderes de torcida. É de extrema importância começar desde cedo a organizar, porque o campeonato estadual vem aí...”

“As aulas mal começaram e vocês já pensam nisso? Faltam 3 meses, meninas! Não usem esse tipo de justificativa para se ausentar de minhas aulas. Estão avisadas!” Kate White ficou vermelha de raiva, com vontade de dizer umas poucas e boas para a professora Mary, mas se conteve. Sua amiga Suse parecia inconformada com a bronca ou envergonhada porque eu estava lá e ouvi tudo. A senhora Mary pegou o seu xale e saiu. Ficamos nós três na sala e logo as duas saíram, soltando fumaças pelas ventas. Lili estava no refeitório se entupindo de comida quando eu cheguei.

“O que aconteceu? O que a professora Mary te disse?”

“Que eu não a desmoralizasse na frente dos alunos e provavelmente na próxima vez que eu fizesse tal ato, iria notificar aos meus pais. Que ridículo!”

“Não liga, não. Ela é meia desmiolada. Tem dia que ela é um anjo, outros que é melhor ficar longe dela. Aquela carinha de boa senhora é seu disfarce. Tome cuidado. Ela é uma cobra peçonhenta.”

“E ela ainda reclamou com aquelas meninas que me empurraram lá no corredor. Você devia ter visto a cara delas. Pareciam que queriam cavar um buraco e enfiar a cara dentro.”

“Nossa!” Falou Lili em meio a uma mordida na coxinha de galinha. “Isso foi demais. Elas se acham. Mereceram essa bronca.”

“Eu vou procurar minha irmã e volto já, ok?”

“Você não vai comer? O intervalo vai já acabar. É por isso que você é tão magrinha... Na certa, não come direito.”

“Tchau, Lili.” Sai correndo, antes que eu ficasse zangada com os seus comentários. Na verdade, eu queria andar e me aventurar por aquela escola.

Em vários lugares, grupos diferentes de alunos viviam na sua sociedade relativa. Eu tentava ver onde eu poderia me encaixar, mas pelo visto nenhum deles me agradava. De longe, avistei Tessy e seu amiguinho Noam, que agora estava grudado nela que nem chiclete. E para a minha surpresa, ela havia se tornado até amiga de Kate e Suse. Depois, descobri que Noam era líder do time de futebol americano da escola, daí eu percebi que nada melhor do que fazer o seu 1º contato com os populares para se tornar um deles. Essa era a filosofia de Tessy.

“Ei, Ávila, a aula vai começar. Se chegar atrasada, o professor de Literatura fica um fera. Ele é 1000 vezes pior do que Mary. Nada de conversar na aula dele ou ficar viajando na maionese. É repreensão na hora e um puro mico na sala. Ele te deixa na maior saia justa...”

A aula de Literatura era a mais interessante, apesar de ser ministrada pelo professor linha-dura, o senhor **Robert Primus Countville**. Como um de meus hobbies era ler, eu me sentia muito à vontade para debater certas questões.

“Olá alunos. Vou ser mais direto. Quem foi Alexander Whitaker?” Um silêncio insuportável reinava na classe. Todos olhavam uns para os outros, mas ninguém respondia. Alguns alunos nem prestavam atenção, não no sentido ‘real’ da palavra. Eu podia perceber que eles ‘viajavam em outro espaço e tempo’.

“Não se admite chegar a essa altura do campeonato e não saber nem quem foi um dos percussores da Literatura Americana! Vou repetir a pergunta e ninguém sairá dessa sala, até que uma alma viva fale algo à respeito dele.” Antes dele lançar a pergunta, eu me atrevi a respondê-la:

“Era filho de William Whitaker, foi para Virgínia em 1611, era conhecido como o ‘Apóstolo de Virgínia’, batizou Pocahontas e escreveu o sermão ‘Good News from Virgínia’ em 1613.” Eu parecia uma metralhadora que não queria parar de atirar. Ele fez um sinal com as mãos e eu me calei. Levaria outra bronca, agora?

“Espetacular! Pelo menos uma alma que vive para ler. Muito bem, querida. Todos os alunos, com exceção dessa garota, escreverão uma redação de 50 linhas sobre a vida e obra desse autor. E quem não me entregar, considere-se reprovado. Estão dispensados.”

“Você foi demais, querida! Me salvou de ficar não sei quantas horas olhando para aquela cara feia...”

“Acho que agora vou comer, Lili. Onde tem uma lanchonete mais perto?”

“Ah, também, depois de dar uma super aula e deixar o professor Carrasco boquiaberto, só pode ter sentido fome. Com certeza, você gastou muita energia, amiga. Nós vamos para uma lanchonete bem bacana.” Nos dirigimos a um local chamado **Ben’s Coffee**, um lugar bastante confortável e tranquilo. Hoje tinha sido o meu 1º melhor dia de aula. Apesar do mico no ônibus, de minha irmã me zoando, da trombada com Kate e Suse e da esplêndida bronca que levei, o restante saiu como eu queria. Além disso, acho que eu encontrei uma amiga de verdade. Lili era uma menina encantadora. **Ela era baixinha, um pouco gordinha, pele clara, olhos verdes como grandes esmeraldas e cabelos loiros. Ela morava na Rua Green Hill, do outro lado de Coldland.**

“Ávila, vamos lá pra minha casa?”

“Não, hoje não, Lili. Acho que vou passar na delegacia e visitar meu pai. Depois tenho que ir para casa e terminar de ler o livro ‘**The Canterbury Tales**’, lavar a louça, assistir algum programa besta, suportar minha irmã chata...”

“Isso não é desculpa, mas vou deixar passar desta vez. A gente se vê amanhã, não é?”

“Se eu estiver viva, é claro que sim.”

“Ok. Então eu vou ligar para a minha mãe vir me pegar.”

“E eu vou pegar o ônibus. Tchau.”

Eu estava feliz por estar em Coldland. Vivíamos mudando de cidade em cidade, por causa do trabalho de meu pai, ou por não conseguir se adaptar em um certo local ou em virtude de ‘novas inspirações’ para os trabalhos de minha mãe, que segundo ela mesma ‘Nasceu com a alma errante’. Ela era uma artista plástica. Não tão famosa, como **Lois Mailou Jones**, uma pintora negra que nasceu em Boston e pertenceu ao **Harlem Renaissance**. A senhora **Alexia Von Kurts** tentava ser reconhecida e mais ainda: fazer sua arte correr os quatros cantos do mundo. Porém, agora em Coldland, ela buscava novas inspirações para seu próximo trabalho, enquanto meu pai se firmava como autoridade e homem digno em Coldland.

Capítulo 2: A chuva

Meu celular tocou enquanto eu estava fazendo sinal para pegar o ônibus. Apressadamente, entrei nele e me sentei para atender a ligação. Era a minha mãe, querendo saber onde eu estava e porque eu deixei a Tessy voltar para a casa sozinha. Assim como minha irmã havia ignorado a minha presença, eu havia feito o mesmo.

“Mãe, ela já é bem grandinha. Ele faz um monte de coisas sem a minha ajuda e não precisa eu ficar na cola dela, feito uma babá.” De longe eu ouvia os gritos dela dizendo “*Mãe, eu não sou mais criança. Eu não preciso dela. Eu tenho 14 anos.*”

“Enquanto você for menor de idade e estiver morando na minha casa, você vai me obedecer. Da próxima vez que Tessy voltar sozinha pra casa sem a minha autorização, você vai ficar de castigo, menina.”

“Certo, desculpa aí...” Tessy era a queridinha da mamãe. Era a super mimada e protegida. Na frente era um docinho de pessoa, mas por outro lado é uma fingida e invejosa. Sempre se gabava de seus longos cabelos castanhos e de sua beleza... Ela literalmente acha que é a Miss EUA! Fica passando na minha cara os inúmeros ‘namoricos’, enquanto que eu nunca beijei ninguém com essa idade (16 anos).

“Você está vindo para casa?”

“Não. Eu pensei em visitar o papai.”

“Não demore muito, ok?”

“Certo... Tchau.” O ônibus fez sua última parada no terminal em frente à delegacia. Desci meia enjoada (normalmente quando eu passo muito tempo no ônibus, eu fico assim, mas já estou acostumada) e entrei na delegacia. Na pressa para tomar fôlego e mandar o enjoo embora, não enxerguei um policial que estava na minha frente e acabei ‘trombando’ nele. Meus óculos voaram uns 100 metros de distância. Ah, não foi tão longe assim, eu exagerei... Eu parecia a Velma Dinkley do desenho Scooby Doo, tateando o chão e procurando meus óculos. Nem me preocupei em pedir desculpas ao rapaz pela trombada.

“Aqui estão os seus óculos, senhorita. Me desculpe, ok? Eu estava tão distraído lendo o jornal e caminhando ao mesmo tempo, que nem percebi você.”

“Eu é que te peço desculpas. Eu sou uma abobalhada mesmo, sempre pagando mico. É um atrás do outro, que já estou acostumada...”

“Meu nome é Lin. **Peter Marcus Lin**. Policial Lin. Prazer em conhecer você.” Ele esticou suas mãos grossas e grandes em minha direção e eu hesitei em apertá-las. E continuou com elas estendidas, até que outro policial, em uma viatura distante, o chamou. Ele se despediu com uma piscadinha e foi em direção onde estava estacionada a viatura. Provavelmente, aquele outro policial que lá se encontrava, era seu parceiro. Todos na delegacia olhavam para mim. Notei que Lin sorria para mim, antes de ligar a sirene do carro e sair para

patrulhar a cidade. Eu parecia uma pimenta de tão envergonhada. Eu fui falar com um atendente, mas parece que meu pai ouviu meus pensamentos.

“Ávila? O que você está fazendo aqui, filha? Aconteceu alguma coisa?”

“Não... Está tudo bem. Tem um minuto pra mim?”

“Bem, eu estou muito ocupado, mas se você for rápida, ok? Entre, minha querida. **Ruth**, por favor, traga dois cafés, ok?”

“Sim, xerife!” Falou a atendente. Entramos na sala e nos sentamos. Na mesa, milhares de documentos, fotos, registros. Ele guardou alguns papéis e fez a pose do tipo ‘Fala que eu te escuto’.

“Eu só queria ver você mesmo. Estava com saudades.”

“Oh, meu bebê... Eu também estou com saudades, mas você sabe quais são as responsabilidades de um xerife, não é mesmo? Eu cuido e zelo por todos nós. Apesar do pouco tempo, eu faço de tudo para que possamos estar juntos, não é verdade?”

“É. Você está certo.”

“Como foi o seu 1º dia de aula?”

“Foi bom. Eu disse isso?” Nós dois rimos muito. Eu confiava muito nele e lhe contava todos os meus segredos. Ele era muito mais legal do que minha mãe e, além disso, não

permitia as pirraças e mimos de Tessy. Para ele, filho tem que ser tratado do mesmo jeito: não importa a idade. Não pude conversar muito, porque ele recebeu uma ligação do prefeito e teve que sair. Eu fui para a parada e fiquei esperando o ônibus chegar.

Enquanto eu lia o livro ‘**The Canterbury Tales**’, um rapaz desconhecido sentou do meu lado. Do nada, a atmosfera ao nosso redor mudou: o sol que antes irradia sua luz, de repente perdeu seu brilho, ofuscado pelas nuvens de chuva. O vento frio parecia penetrar em minha alma e rasgá-la. Parecia que as cores da vida estavam se dissipando. Ele me encarou e fixou seus olhos no encarte de meu livro e eu rapidamente o fechei, guardando-o na mochila. Tudo escureceu e uma névoa espessa surgiu, dificultando a minha visão.

“Acho que vai chover... E muito. É melhor ficar aí.” Eu me arrepiei dos pés a cabeça com sua voz hipnótica e atraente, como também assustadora e intrigante. Parecia que aquelas palavras foram sussurradas em meu ouvido, eu podia sentir seu hálito fresco e quente em meu pescoço. Do nada começou a chover. Para a minha sorte, o ônibus acabara de chegar e rapidamente entrei nele, sem sequer, demonstrar importância diante daquele olhar desconhecido. Porém, tive a impressão de que também ele entrou no ônibus. Era como se seu *cheiro* estivesse espalhado em todo lugar, mas preferi não olhar para trás. Novamente meu telefone tocou e desta vez era meu pai.

“Querida, você já está em casa?”

“Não. Estou no ônibus, de volta pra casa. Chego já.”

“Tudo bem... Só tome cuidado com a tempestade, ok?”

“Não se preocupe, pai. Vou ficar bem. E você, onde está?”

“Ainda estou com o prefeito, em uma reunião chata, mas agora foi dado um intervalo. Talvez eu não volte para a casa, já me ligaram da delegacia, ou seja, estou muito atarefado hoje. Então diga a sua mãe que amanhã eu apareço.”

“Sim senhor!”

“Tchau, querida.”

“Tchau, pai.” Mal eu desliguei meu celular, ele tocou novamente. Já estava ficando estressada de tanto ouvi-lo tocar. Será que o mundo todo resolveu ligar para mim hoje? Mas, para meu desencanto, não era o mundo todo que ligava para mim. Era a Tessy.

“Você ainda vem hoje? Está demorando muito, sua mentirosa.”

“Olha como você fala comigo. Não preciso dar satisfação de minha vida a você. Por que ligou? Só pra me ofender?”

“Não. É que não tem energia aqui em casa. Está tudo escuro e a mãe saiu. Eu não consigo falar com ela, o celular fica mandando pra caixa de mensagem.”

“Ah, você está com medo do escuro?”

“Deixa de ser má e vem logo. Alô? Ávila? Você está me ouvindo? Ávila? Ávila?” Não sei bem o que aconteceu naquele momento, mas um caule grosso de uma árvore caiu em cima do ônibus. Foi um barulho horrível: eu me tremi da cabeça aos pés, pois quando a árvore caiu em cima do ônibus, o motorista perdeu o controle e batemos em uma loja. Logo em seguida, devido à chuva, o asfalto ficou muito escorregadio e o ônibus capotou. Pedacos de vidros foram arremessados para todos os lados, gritos e mais gritos de desespero. Eu bati a minha cabeça em um cano e gotas de sangue que surgiram de um corte na minha testa, pingavam em meu moletom. O vidro da minha janela estava quebrado e como eu era magrinha, consegui passar. O cobrador abriu a porta e as pessoas saíram aos pouquinhos, menos o motorista, que estava caído sobre a direção, provavelmente recebeu todo impacto da batida. Aquela cena me fez desmaiar. Uma imensa barra de ferro atravessara o corpo do pobre motorista e a luz de seus olhos desaparecera. Ele estava morto.



A chuva diminuía. Eu pressionei um pedaço do pano sobre o meu corte, para estancar o sangue. A ambulância chegou e foi prestar atendimento a uma grávida, que estava passando mal. O médico, já havia constatado a morte do motorista. Depois de muito tempo, lembrei de ligar de volta para Tessy, mas não encontrei meu celular.

“Por favor, doutor, eu preciso fazer uma ligação.”

“Nada disso, você vai para o hospital, garota. Você recebeu uma pancada muito forte na cabeça e desmaiou.” O cobrador falou do outro lado da ambulância. A minha preocupação em voltar para casa era tão grande, que eu nem percebi que meus óculos tinham ‘ido para os ares’.

“Eu estou bem, doutor. Eu só preciso fazer uma ligação bem rapidinho, por favor!”

“Seu corte vai levar alguns pontos. Além disso, vamos fazer alguns exames em você, devido ao desmaio. Queremos ver se está tudo bem com você.” Não adiantava eu discutir com ele. Tive que entrar na ambulância e ir ao hospital. Lá o médico me examinou e pediu que eu ficasse em repouso. Depois de algum tempo, eu acordei com meu pai do meu lado.

“Ávila, que susto você me deu!” Eu acordei meio atordoada, mas eu estava bem, quer dizer, minha cabeça parecia uma bomba prestes a explodir e a imagem da fisionomia do motorista morto, diante de meus olhos, não saía de minha cabeça.

“Sua irmã me ligou com medo porque ela estava sozinha e você ainda não tinha chegado em casa. Sua mãe tinha ido para a casa de uma colega e essa casa era um pouco longe de Coldland. Devido a chuva, o sinal do celular estava muito ruim. Mas ela chegou em casa, sã e salva e está fazendo companhia à sua irmã. Perguntei a ela se você tinha chegado. Tessy me disse que estava conversando com você no celular, quando ouviu um barulho terrível e você não respondeu e nem ligou de volta. Lin

viu você na TV e me avisou do acidente que acontecera com um ônibus.” Alguém bateu na porta e logo foi entrando. Era o mesmo médico que estava no local do acidente.

“Olá, seu xerife... Ela já está liberada. Tudo ok, mas ela precisa ficar em repouso.”

“Obrigado, doutor **Richard**.”

“Lembre-se mocinha: descanso!”

“Obrigado.” Respondi. Na tentativa de me levantar, quase tropecei no meu par de tênis. Agora foi que eu percebi que estava sem meus óculos. Meu cabelo estava horrível, cheio de fios revoltos, eu parecia um espantalho.

“Você não quer um boné?” Meu pai falou.

“Acha que um boné vai esconder essa floresta tropical?”

“Pelo menos uma parte dela sim. Toma o boné, guria.”

“Obrigado, pai... Nossa, o boné do xerife!” Nós rimos, enquanto ele me conduzia até o carro. Na volta para casa, eu me recordei do momento em que aquele desconhecido falou comigo. Nossa! O desconhecido! Será que aconteceu algo com ele? Se ele realmente estivesse no ônibus, teria se ferido, desmaiado? Sei lá... Será que ele estava bem? Tive que reorganizar os meus pensamentos. Ele não estava naquele ônibus... Eu não o vi. Só senti. E sentir não significa nada.

Finalmente cheguei em casa. Meu pai insistiu para que eu repousasse, mas não estava com sono ou me sentindo cansada. Minha mãe e Tessy ainda dormiam no sofá da sala e silenciosamente, eu e meu pai subimos à escada. Mesmo contra a minha vontade, ele me obrigou a ficar em meu quarto descansando. Ao deixar-me no quarto, meu pai pegara um cobertor e enrolara minha mãe e Tessy, que estavam mergulhas em um sono profundo. Por recomendações médicas, fiquei em repouso e não fui à escola. Meu pai queria deixar Tessy na escola, mas ela preferiu ir no ônibus estudantil. Ela nem passou no meu quarto, para ver se estava viva... Já minha mãe, apareceu só para me dar uma bronca, aproveitando que meu pai voltara à delegacia.

“Isso é o que acontece por ser desobediente. Eu disse que você não demorasse muito, não foi?”

“E eu não demorei. Fui apenas na delegacia, peguei o ônibus, só que por causa da chuva, o transporte demorou muito pra chegar no terminal.”

“Se você tivesse vindo com a Tessy, da escola direto para casa, tinha evitado tudo isso. Você me deixou com uma tremenda dor de cabeça. Se eu soubesse que filhos só vinham pro mundo para dar preocupações aos pais, eu é que nunca havia parido nenhum.” Eu não aguentei mais essa bronca desmerecida. No fundo, eu sabia que essa raiva toda dela, era porque sua estimada filhinha havia ficado sozinha no escuro e algo ruim poderia ter acontecido com ela. De um copo com água, Alexia fazia uma tremenda tempestade. Mas, isso era injusto demais. Eu sei que não sou uma filha perfeita— e estou longe de ser uma filha perfeita para a senhora Alexia— mas não merecia receber

broncas injustamente. Em vez de perguntar se eu estava bem ou algo desse tipo, ela vinha querer dar lição de moral.

“Me deixe me paz! Eu já sei que não signifco nada pra você. Bem que você deveria ter abortado... Assim evitaria todos os problemas que eu causei, não é?”

“Eu não quis dizer isso, não me venha com seus dramas.”

“Saía daqui, por favor.”

“Tente descansar, ok? E sem dramas. Tudo que falo você leva para o lado negativo. Eu não quis...”

“Saía.” Tudo que ela falava, soava meio irônico. Era como se minha mãe quisesse me deixar sem um pinga de paciência e depois tivesse se arrependido de seus infelizes comentários, achando que eu poderia ‘focar’ pro meu pai e depois ele ir reclamar com ela. Eu juro que não consigo entender o motivo de tanta raiva que ela tem de mim. Desde pequena, eu percebia isso. Às vezes, ela se nega a olhar para mim, outras vezes, ela é super legal comigo, outras, nem me faça lembrar...

Eu não tive mais vontade de descansar. Minha cabeça tinha ativado um a bomba relógio. Fui para o banheiro e peguei dois comprimidos de paracetamol. Dois não... Achei melhor tomar três. Com o tempo, o ‘FBI e a CIA conseguiram desativar a bomba, antes que tudo fosse para os ares’. Voltei novamente para a cama e me recusei a ver o irradiante dia de hoje. Fechei a cortina, para que ocultasse a luz do dia e adormeci na escuridão

daquele dia. Depois de alguns instantes, ouço alguém bater na porta.

“Você tem visita. Pelo menos, se arrume. Você deve estar com uma cara péssima, menina!” Minha mãe invadiu o meu quarto, que estava destrancado.

“Visita? Quem é?”

“Um tal de policial Lin. Ele trabalha com seu pai. Vai logo se arrumar. Por enquanto, eu fico fazendo companhia a ele.” Levei um baita susto. O que Lin queria comigo? Por que estava aqui? Minha cara estava super vermelha de vergonha. Escovei meus dentes, lavei meu rosto e peguei meus óculos reserva. Eu sempre fui um pouco precavida: quem tem dois, tem um, não é?

Eu estava um desastre! Eu nunca me senti tão feia como hoje. E pra incrementar ainda mais o visual, meu cabelo estava super armado. Fiz um rabo de cavalo, coloquei um pouco de gel para controlar os fios revoltosos de sempre. Vesti um vestido azul-marinho, coloquei uma sandália básica e desci.

“Olá, senhor Lin.”

“Obrigado pela companhia, senhora Kurts. E me desculpe o incômodo.”

“Não se preocupe, querido... Bem, fiquem à vontade, ok?” Eu estava tão sem graça... Nunca, durante esses 16 anos de vida, uma pessoa, principalmente um homem, tinha vindo me visitar. E mal tínhamos nos conhecido, quer dizer, só foi um

esbarrão e um super mico na delegacia. Não sabia o porquê dessa visita, mas eu desejava do fundo do meu coração que ele fosse embora. **Lin era bonitinho. Ele tinha aproximadamente 1,86 de altura, 21 anos, pele branca, cabelos loiros e olhos negros, além de um excelente porte físico,** quer dizer, os músculos bem distribuídos, que faziam qualquer mulher se derreter em seus braços. E para completar, trajado com o seu uniforme de policial, era um sonho de consumo. Mas, eu não me sentia à vontade... Eu já estava acostumada com todos os olhares voltados para a Tessy e com a solidão olhando para mim, que era difícil de aceitar que alguém se interessasse por uma pessoa tão ‘sem sal’ como eu. Me sentei o mais distante possível e quase desmaiei, quando reparei o que ele segurava nas mãos: um buquê de rosas brancas.

“Pra você. Espero que esteja bem.” Finalmente, depois de dez minutos de silêncio, um sem coragem de encarar o outro, foi que ele tomou a iniciativa de falar. Eu me levantei e fui receber as rosas. Rapidamente peguei-as, coloquei em um jarrahinho perto da televisão e voltei para o mesmo lugar. Minha mãe acabara de chegar, com um sorriso estampado na cara.

“Você é o nosso convidado para o almoço.”

“Eu ficaria honrado, senhora, porém o dever me chama. Só vim fazer uma visitinha rápida.”

“Tudo bem. Mas da próxima vez, você não escapa. Venha no final de semana, ok?”

“Certo, eu me lembrarei disso.”

“Senhorita Ávila, melhoras...” Ele me abarcou fortemente, antes que eu pudesse escapar de tal momento e depois foi embora. Quando ele estava prestes a sair, Tessy chegou da escola. Ela me viu na porta e soltou uma gargalhada alta.

“Nossa, Ávila! Você tá direitinho um espantalho. Mãe, a senhora não viu isso? Ela na certa assustou o coitado do policial bonitinho com essa feiura.”

“Não fale assim de sua irmã. Tudo bem, ela é desajeitada mesmo, mas meça suas palavras.” Não seria melhor minha mãe ter enfiado uma faca em meu peito ou ter me dado um tiro logo?

“Não precisa me defender. Coloque mais lenha na fogueira e queime a bruxa.” Eu fiquei super envergonhada, porque provavelmente Lin ouviu tudo. Ele fingiu que nada havia acontecido, acenou para nós e foi embora. Eu nunca mais queria me encontrar com ele. Eu nunca mais queria sair do meu mundo. Eu queria morrer enterrada nele. Por mais que minha barriga roncasse de fome, eu não queria admitir isso. A fome era o menos importante. Eu desejava, apenas, dormir eternamente e nunca mais acordar.

Capítulo 3: O 1º encontro

“Ávila! Venha jantar. Você não almoçou e assim vai ficar doente. Abra essa porta.”

“Eu não estou com fome. Eu posso ficar em paz? Posso?”

“Tudo bem. Mas, você tem que se alimentar.”

“Não finja ser a boa mãe que se importa com a saúde de sua filha bastarda!” Dizia tais palavras, enquanto afundava minha cara no travesseiro e procurava esquecer do que havia ocorrido em poucos instantes. Acredito que a última frase, deixou-a bastante ressentida.

“Nunca diga isso. Nem de brincadeira!” Com essa declaração, pus o ponto final em toda essa discussão. Ouvi quando ela desceu as escadas e pela 1ª vez repreendeu Tessy.

“Você passou dos limites, menina! Não deveria ter dito aquelas coisas pra sua irmã. Quando ela vier comer, peça desculpas, senão você ficará de castigo e quando eu falo castigo, é castigo mesmo!”

“Sim, mãe...” Falou Tessy, meio aborrecida com a bronca.

Depois de derramar inúmeras lágrimas, decidi tomar um banho. Eu realmente parecia um espantalho. Pior ainda: eu

parecia um zumbi em vida! Enrolei-me na toalha e fui até a janela. Lá, fiquei alguns minutos pensando em muitas coisas importantes, enquanto contemplava a lua cheia. Não sei como, mas adormeci.

Durante a madrugada, acordei completamente sem noção do tempo. O vento frio que atravessava a janela aberta emanou arrepios até a espinha. Eu ainda estava com o roupão de banho. Vesti um baby-doll e desci as escadas, rumo à cozinha. Sem tentar fazer nenhum barulho (evitando assim uma bronca por quebrar regras impostas pela senhora Alexia), abri a geladeira e comi o resto de lasanha do almoço, quatro pedaços de bolo de chocolate e morangos com creme de amendoim... Qualquer um poderia duvidar de minhas ações. Mas, eu fiz isso, sim! Quanto mais eu comia, mais eu sentia vontade de comer. Realmente eu estava descontando toda a minha raiva de hoje na comida. Depois, bebi um copo com água e liguei a TV no *mute*. Fiquei mudando de um canal para outro, até que decidi desligar. Até minha vida era mais ‘interessante’ do que os programas chatos que passavam na TV...

Novamente, voltei à cozinha e dessa vez, levei um baita susto... A porta que levava para a varanda estava aberta. O forte vento fez com que folhas secas voassem em minha direção. A cozinha ficou cheia delas. Eu tinha certeza de que a porta estava fechada. Como foi que ela se abriu? Poderia ser um ladrão?

Rapidamente fechei a porta, coloquei a tranca e uma cadeira, como se fosse uma armadilha. Se ela fosse aberta de fora para dentro, a cadeira cairia. Mas e se o ladrão já estivesse dentro de casa? Minha mãe e Tessy corriam risco. Subi silenciosamente as escadas e verifiquei os quartos. O quarto de